

ARTIGO

BRASÍLIA VULGARIZADA

Carlos Pontes

Trinta e nove anos depois de sua inauguração, Brasília continua a ser incompreendida por alguns brasileiros que não apreenderam o quanto essa cidade significou para o Brasil e para o mundo em termos de arrojo urbanístico, arquitetônico e paisagístico.

Na área de sinalização visual, então, a cidade vem sofrendo agressões contínuas por parte dos que não entenderam o seu espírito. Brasília nasceu clean, despojada visualmente. É a um tempo futurista, arrojada e singela, de amplos horizontes e espaços abertos. Esse é o espírito de Brasília. Foi assim que a imaginaram os seus criadores e construtores.

A monumentalidade é a característica maior do Plano Piloto de Brasília. Não há como eleger este ou aquele palácio como monumento por que a cidade em si é um monumento. Não há como se dissociar o patrimônio paisagístico do urbanístico e arquitetônico.

Dentro deste conceito, as árvores e áreas verdes de Brasília estão integradas ao patrimônio paisagístico, como os prédios e ruas estão integrados ao patrimônio urbanístico e arquitetônico.

Pois bem, há quem queira vulgarizar Brasília, torná-la uma cidade comum, não a cidade do interior gostosa e singela, mas aquela cidade do tipo moderna, poluída visualmente. Numa atitude provinciana, fora de moda, a Secretaria do Meio Ambiente quis, no governo passado, plantar árvores no DF, cercado com um dispositivo de chapas de aço contendo propaganda comercial.

Era um verdadeiro disparate. Não o plantio de árvores, mas as placas de propaganda nas árvores, que consegui, graças a uma Ação Popular, impedir.

Agora, a história se repete, e ingressei com nova Ação Popular para a retirada do megapainel de uma marca de sabão instalado em toda a fechada lateral leste do Torre Palace Hotel no SHN. E para a retirada dos painéis luminosos instalados a partir de 1998 no coração de Brasília, a chamada Zona Cívico-Administrativa; a retirada das placas de propaganda no topo dos prédios, inclusive das construtoras, que impedem os fotógrafos de fazer fotos turísticas "limpas", bem como a suspensão da instalação de painéis e outdoors no Plano Piloto até que o Conselho Técnico de Preservação de Brasília como Patrimônio Cultural da Humanidade discipline o assunto.

Na primeira instância, os juízes Alfeu Gonzaga Machado e Carlos Alberto Martins Filho concederam a liminar ao meu pedido, mas o Conselho da Magistratura, com o relator desembargador Lécio Rezende, cassou a liminar sob a alegação de que as empresas de outdoor seriam prejudicadas e sob o argumento de que as cidades devem ter painéis multicoloridos. O desembargador alega que a falta de painéis luminosos é sinal de subdesenvolvimento. E arre-mata: "Já se imaginou o que seria de Nova York sem os luminosos que enfeitam suas noites?"

Ora, nesse momento, a frustração é de que Brasília não está sendo compreendida, pois a sua proposta é o contrário de Nova York e São Paulo, pois a proposta de Nova York é uma, a dos luminosos, a cidade feericamente iluminada. A de Brasília é exatamente outra, a de cidade visualmente limpa, amplos espaços, a natureza integrada ao urbanismo, para gerar o encantamento aos turistas.